

A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA EM RELAÇÃO À REALIDADE DO IDOSO NA SOCIEDADE ATUAL

THE IMPORTANCE OF THE PRESS IN RELATION TO THE ELDERLY REALITY IN CURENT SOCIETY

MARIA CAROLINA GOBBI DOS SANTOS **LOLLI**¹, JONATHAN AMORIM **PERES**², PRISCILA ROCHA **LUIZ BUENO**¹, LUIZ FERNANDO **LOLLI**³, ELIANE ROSE **MAIO**⁴

1. Alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá; 2. Aluno do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia do Unicesumar; 3. Docente Adjunto do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá e Faculdade Ingá. Coordenador do Mestrado Profissional em Odontologia da Faculdade Ingá; 4. Docente Adjunta do Departamento de Teoria e Práticas da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

* Endereço para correspondência: Universidde Estadual de Maringá. Av. Colombo, 4750 – Maringá-Paraná. E_mail: profcarolinasantos@gmail.com

Recebido em 28/04/2014. Aceito para publicação em 07/05/2014

RESUMO

A população mundial está envelhecendo e este fato traz novas exigências para a sociedade. Nesse sentido, a imprensa tem papel fundamental no sentido de eliminar estereótipos e reduzir barreiras para a interação desses indivíduos. Trata-se de uma revisão de literatura com o objetivo de discutir como o idoso vem sendo tratado pela imprensa. Conclui-se que o debate sobre o envelhecimento na imprensa deveria ser mais frequente, manifestando para a sociedade não só preocupação com a velhice, mas também a importância destes indivíduos também para a administração pública, já que eles têm cada vez mais voz ativa, poder de consumo e desejo de melhores condições de qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso, envelhecimento, imprensa.

ABSTRACT

The world population is aging and this fact brings new requirements for membership. In this sense, the press plays a fundamental role in eliminating stereotypes and reduce barriers to these individuals interaction. This is a review with the aim of discussing how the elderly are being treated by the press. We conclude that the debate about aging in the press should be more frequent, expressing to society not only concern with old age, but also these individuals importance also for public administration, because they have increasingly active voice, power consumption and desire of a better life quality.

KEYWORDS: Education elderly, aging, press.

1. INTRODUÇÃO

O mundo está envelhecendo. Com esta mudança nos padrões da humanidade, surgem novas exigências para que a realidade seja adaptada a fim de fornecer subsídios para a inclusão de todos. É fato que permanecer jovem caracteriza-se como um desejo da maioria da população, influenciando a sociedade relacionar a velhice com a ideia de fim, morte, inatividade.

A imprensa tem papel relevante neste sentido já que deveria informar a realidade diversa e plural dos idosos, suas capacidades e necessidades, no sentido de eliminar estereótipos entre as gerações e reduzir as barreiras para a integração. Como esta faixa etária é representada pela mídia? Estaria a imprensa brasileira capaz de suprir as necessidades dos idosos?

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de revisão da literatura objetivando discutir como o idoso é tratado pela imprensa na atualidade. Para tanto a pesquisa foi efetivada com base em livros impressos, dissertações e artigos da base de dados “SCIELO” sobre a temática: “idoso e imprensa”. Os dados referentes ao tema foram agrupados, analisados e organizados nos tópicos “Considerações sobre o Envelhecimento”, “O Envelhecimento e a Sociedade Atual” e a “Imprensa e o Idoso”.

3. DESENVOLVIMENTO

Considerações sobre o envelhecimento no Brasil

A proporção de idosos na população brasileira cresce desde a década de 1960, quando se pôde observar mais claramente a queda das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida, propiciando uma redefinição nas responsabilidades familiares e nas demandas por políticas públicas¹. Na concepção de Nóbrega (2005)², estima-se que em meados de 2025 a população brasileira terá um aumentado cinco vezes em relação a de 1950, ao passo que o número de pessoas com idade superior a 60 anos terá aumentado aproximadamente 15 vezes. Como consequência deste aumento, o Brasil as-

sumirá a sexta posição entre os países que são velhos?

Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia³, apontam para um aumento de mais de 27 anos na expectativa de vida do brasileiro. Assim, para este instituto, em 2050, os idosos no país alcancem 81,29 anos de idade. Estes dados podem ser explicadas por inúmeros avanços tecnológicos, sobretudo na área da saúde, que vêm acompanhados das melhorias na condição de vida da população³.

Os números anteriormente apresentados refletem a necessidade de mais ações pertinentes ao atendimento deste grupo com o intuito de integrá-los favorecendo o envelhecimento mais ativo. Para que isto aconteça, Skliar (2006)⁴ salienta que a luta contra a exclusão engloba não apenas diferenças de gênero, grupo étnico, sexualidade, deficiências, mas também questões relacionadas à idade e convivência.

O envelhecimento e a sociedade atual

Vivemos em uma realidade que juventude é um objeto de desejo, sendo assim, o fato de envelhecer distancia-se deste padrão social. Aquilo que é velho traz consigo preconceitos, estereótipos e conotações pejorativas sendo então vinculado àquilo que lembra morte, falta de beleza e inatividade⁵.

De acordo com Almeida (2008)⁶, o desenvolvimento humano compreende o desenvolvimento mental e o crescimento orgânico. Ele ainda é entendido como um processo de evolução das capacidades do indivíduo de realizar funções cada vez mais complexas. O desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais que se vão se aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas elas, estando plenamente desenvolvidas, caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, vida afetiva e relações sociais.

Algumas dessas estruturas mentais permanecem ao longo de toda vida. Por exemplo, a motivação está presente como desencadeadora da ação, seja por necessidades fisiológicas, seja por necessidades afetivas ou intelectuais. Essas estruturas mentais que permanecem garantem a continuidade do desenvolvimento. Outras estruturas são substituídas a cada nova fase da vida do indivíduo.

A maioria dos estudiosos sobre o desenvolvimento humano concorda que o desenvolvimento se processa em etapas divididas por mudanças que ocorrem em várias dimensões. Essa concordância possibilita que sejam criadas condições ideais para o aparecimento de certas condutas. “São pontos formais ou informais na vida social. Por exemplo, lojas e restaurantes se utilizam desses pontos de referência para atingir determinado público que lhes interessa, ou seja, uma faixa etária específica⁷”.

Assim, Cória-Sabini (2004)⁷ divide a vida humana

em fases ou períodos que possibilitam a estipulação de um sistema de comportamento adequado para cada uma dela. Segundo o autor, nossa sociedade os períodos do desenvolvimento são:

- Pré-natal: da concepção até o nascimento.
- Infância: do nascimento aos 12 anos.
- Adolescência: dos 13 aos 18 anos.
- Adulto jovem: período dos 18 aos 40 anos.
- Adulto intermediário/meia-idade: dos 40 aos 65 anos.
- Adulto idoso/terceira idade/senescência: a partir dos 65 anos.

Assim, em cada fase de vida a sociedade espera e dita como as pessoas devem se comportar de maneira a atender às suas expectativas. Então, uma criança deve ir à escola, o adulto deve trabalhar e se aposentar na velhice. Conclui-se que o ápice das atividades produtivas é visualizado na juventude e na fase adulta do ser humano que passa a declinar com sua velhice⁸.

Santana (2005)⁹ assegura que apesar de existirem indivíduos com mais de 60 anos fragilizados e dependentes que realmente necessitam de mais atenção, podem-se observar muitos indivíduos nesta faixa etária que apesar de envelhecerem preservam suas capacidades, permanecendo ativos e produtivos e fugindo dos estereótipos traçados, fato que é ignorado. Em resumo, o idoso pode ser considerado como potente ou pode ser taxado como incapaz da convivência social e aprendizado¹⁰ (NOVAES, 2000).

Conforme o pensamento de Camarano (2008)¹¹, o mito presente em nossa sociedade é de que a velhice é uma etapa da vida totalmente negativa. Para Inouye (2008)¹², políticas inclusivas como forma de desmarginalizar os idosos são um grande desafio proporcionando uma atuação transformadora na construção da história do idoso, já que a velhice é uma fase peculiar por possuir características tanto positivas quanto limitadoras.

Pessini (2002)¹³, diz que a visão patológica do envelhecimento deveria ser substituída pelo incentivo à intervenção oferecida pelos processos de reabilitação. Ainda complementa que o idoso deve ser visto como um indivíduo que vai além de perdas funcionais e fisiológicas, mas é um indivíduo que tem história, identidade, convive socialmente e tem capacidade de adaptação para compensar suas dificuldades. Fica evidente que muitos idosos não se preocupam com sua idade cronológica, mas sim com o seu “estado de espírito”. Este fator intimamente ligado ao bem estar físico e mental, pode ser caracterizado como qualidade de vida. As alterações são sim inevitáveis, mas não devem ser tomadas como negativas, já que a experiência de vida, a sabedoria e a visão do mundo proporcionada pelos anos vividos são exemplos positivos desta fase.

Para Neri (2006)¹⁴, as pessoas precisam se preparar para envelhecer. Pode-se dizer que estes projetos e pla-

nos demandam criatividade, autonomia e educação permanente. É neste sentido que vários autores reconhecem quanto é válida a contribuição da imprensa e da área da Educação para o envelhecimento¹⁵.

A imprensa e o idoso

Conforme os estudos de Debert (2003)¹⁶, assistimos a uma progressiva socialização da gestão da velhice: problemas que antes eram tratados no âmbito familiar e na esfera privada dos indivíduos, hoje são debatidos na esfera pública do poder, pela sociedade, por campos especializados como a Gerontologia e pelos próprios idosos, cada vez mais conscientes de seus direitos.

No mundo contemporâneo, a mídia e a imprensa ocupam papel central na vida das pessoas. A comunicação serve para legitimar discursos, comportamentos e ações. Conforme relata Rodrigues, (1994)¹⁷, a imprensa veicula certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento e, nesse sentido, exerce a função de ponto de referência. Desta forma, os textos, as imagens e as falas apresentados aos leitores, ouvintes e telespectadores têm uma importância significativa.

Com os avanços dos meios de comunicação, todas as culturas estão fazendo uso deste meio. Rádio, jornais, revistas, televisão, abrangem meios significativo e procurados para transmissão de informação, tornando-se elo entre todas as idades. Os meios de comunicação têm evidenciado os idosos atualmente, em novelas, comerciais. Fraiman (1995)¹⁸ vaticina que na década de 80, os idosos tinham pouca participação na imprensa, já que sua imagem era desprovida de representatividade. Com o aumento da participação da população idosa em nossa sociedade, na década de 90, o mesmo autor relata que este grupo passou a ser mais representativo na mídia.

Furtado (1997)¹⁹ assegura que o idoso tem ocupado destaque em vários setores da sociedade. As empresas então começaram a destinar mais produtos para os idosos e com isto a maior veiculação da imagem da terceira idade.

É necessário compreender a complexidade desta faixa etária da sociedade que visivelmente passa a estar contribuindo com sua experiência, sua sabedoria, sua visão de conjunto. Para ilustrar, o artigo 24 do Estatuto do Idoso²⁰ destaca que os meios de comunicação deveriam manter espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público, sobre o processo de envelhecimento²¹.

Campos, *et al.* (2010)²² comentam que a lei deveria ser possível encontrarmos uma variedade de programação que se encaixasse neste perfil, uma vez que o Brasil conta com aproximadamente 30 canais de longo alcance na TV aberta, mas ao contrário disto, temos disponíveis pouquíssimos programas de televisão voltados para a terceira idade.

Para Larose & Straubhaar (2004)²³, a segmentação da mídia está cada vez mais sofisticada, atendendo aos interesses mais diversos dos públicos. Porém, a terceira idade ainda é um segmento excluído, pois é considerada, preconceituosamente, como a faixa etária não-ativa, que não produz e não consome. Uma pesquisa intitulada “Panorama da Maturidade”, feita pela Indicator GFK, em 2003, indica que a terceira idade é uma faixa etária considerada como forte consumidora de produtos de comunicação. Esta pesquisa ainda aponta que cerca de 87% dos idosos entrevistados afirmam assistir televisão e 59% ouvem rádio diariamente. Pelo menos 92% veem televisão e 72% ouvem rádio uma vez por semana. Essas são as principais atividades domésticas que estão incluídas na rotina diária. Se os idosos consomem os produtos dos meios de comunicação, assim como os adultos ou adolescentes, é necessário que haja programas destinados a essa faixa etária. Porém, Campos *et al.* (2010)²² afirmam que não é isto que se verifica. Para os pesquisadores, apesar de os programas televisivos, revistas e cadernos de jornais impressos estarem bastante segmentados (por faixa etária, gênero e classe social).

É válido evidenciar os estudos de Campos (2007)²⁴ que cita que nos Estados Unidos da América, encontra-se, por exemplo, um canal de televisão, a saber, a “Retirement Living TV”, que transmite programação exclusivamente voltada para a Terceira Idade 24 horas por dia. Já na Espanha existem em veiculação pelo menos seis grandes revistas dedicadas aos idosos Club Sênior, Vivir com Jno úbilo, Sessenta y Más, Entre Mayores, Hablamos de Ti, Senda Sênior y Plus es Más

Campos *et al.* (2010)²² salientam que o rádio é outro meio de comunicação que tem extrema importância na divulgação de informação e continua tendo seu espaço, mesmo com o avanço da internet. Além de sua importância, consideram que a maioria dos brasileiros tem pelo menos um rádio em casa. Ele, então, continua sendo um meio de comunicação que participa da vida de quem hoje é idoso, poderia ser o primeiro a inovar e transmitir programas especializados.

Os jornais representam o produto e reflexo da própria sociedade. Eles fornecem os temas sobre os quais os leitores devem pensar, ao criarem imagens, símbolos, estereótipos etc. Sendo assim, podem espelhar a situação existencial do idoso, seu papel vivido no espaço público e privado e o sentido da velhice, bem como seu estigma²⁵.

O jornalismo é uma das instituições sociais contemporâneas e, portanto, uma instituição na qual, das manifestações ali colocadas, algumas se cristalizam em significados²⁶. Considerado enquanto instituição, os jornais podem ser caracterizados como destinatários do discurso sobre o envelhecimento e a longevidade por eles produzidos, como aquilo que faz esse sujeito ser e existir. A constituição do humano e sua complexidade impossibi-

litam falar-se de “objetividade jornalística”. Portanto, a busca pela objetividade do fazer jornalístico não passa de uma lacuna, pois os profissionais da imprensa em geral, enquanto sujeitos que narram, são os organizadores das notícias que relatam²⁶. Assim, as notícias são construídas a partir da linguagem, havendo sempre algo que escapa à suposta divisão racional/irracional, objetivo/subjetivo, consciente/inconsciente. Nessa perspectiva, a informação não é o que mais importante que há nos jornais, mas as notícias, vistas como produtos culturais e geradoras de conhecimento público.

4. CONCLUSÃO

Considerar que os idosos têm necessidades específicas e por vezes especiais em vários aspectos da vida, incluindo o entretenimento, é uma ação cidadã, um ato de inclusão social e o reconhecimento da importância deste estrato populacional que cresce em todo o mundo.

As práticas discursivas relacionadas às questões da importância dos mais idosos, da manutenção de sua saúde e dos seus direitos na mídia como um todo influenciam, sem sombra de dúvidas, a construção da memória social e, conseqüentemente, no direcionamento de políticas de saúde pública e de previdência, entre outras preocupações sociais. Isto pode ser explicado pelo fato da imprensa ocupar um espaço central na sociedade contemporânea, elaborando um discurso e influenciando o contexto que revela a importância e a atualidade do tema.

Desta forma, o debate sobre o envelhecimento na imprensa deveria ser mais frequente e comum, manifestando para a sociedade não só preocupação com a velhice, mas também a importância destes indivíduos também para administração pública, já que eles têm cada vez mais voz ativa, poder de consumo e desejo de melhores condições de qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- [1] Novaes MRCG. Assistência farmacêutica ao idoso – uma abordagem multiprofissional. Brasília: Thesaurus, 2007.
- [2] Nóbrega OT, karnilowski MGO. A terapia medicamentosa no idoso: cuidados na medicação. Ciênc Saúde Coletiva, v. 10, n.2, p.309-413, 2005.
- [3] Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE. Projeção da população do brasil, 2008 – IBGE: população brasileira cresce em ritmo acelerado. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em www.ibge.gov.br:presidencia/noticia/noticia_impressao.php?id_noticia=1272 Acesso em junho. 2012.
- [4] Skliar C. A inclusão que é nossa e a diferença que é do outro. In: RODRIGUES, D. (org.). Inclusão e educação. São Paulo: Summus, 2006. P.15-34.
- [5] Bruns MAT. O corpo em transformação. In: BRUNS, M. A.T.; DEL-MASSO, M. C. S. Envelhecimento Humano: Diferentes perspectivas. Campinas: Alínea: 2007. P.13- 22.
- [6] Almeida FA. Psicologia do desenvolvimento: a criança. IN: FARAH OG, SÁ AC. Psicologia aplicada à enfermagem. Barueri: Manole, 2008.
- [7] Cória-Sabini MA. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática, p.18, 2004.
- [8] Siqueira MEC, nery AL. Qualidade de vida das pessoas que envelhecem com deficiência mental. In: Neri, A.L. Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007.
- [9] Santana RF, santos I. Como tornar-se idoso: um modelo de cuidar em enfermagem gerontológica - Texto Contexto Enferm, 14(2):202-12, 2005.
- [10] Novaes, MHN. A Convivência entre as Gerações e o Contexto Sociocultural. In.: A Ética da convivência familiar e sua efetividade no cotidiano dos tribunais. (Org) Tânia da Silva Pereira e Rodrigo da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- [11] Camarano AA, Passinato MT Envelhecimento funcional e suas implicações para a oferta de trabalho brasileira. Texto para discussão n. 1326. Rio de Janeiro: IPEA, 2008.
- [12] Inouye K, Pedrazzani ES, Pavarini SCL. Octogenários e cuidadores: perfil sóciodemográfico e correlação da variável qualidade de vida. Texto Contexto Enferm., v.17, n.2, p.350-357, 2008.
- [13] Pessini L. Envelhecimento e saúde: ecos da II Assembléia Mundial sobre o envelhecimento. Mundo saúde, v. 26, n. 4, p. 457-463, 2002.
- [14] Neri AL, Jorge MD. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. Estudos de Psicologia, Campinas, v.23, n.2, 2006.
- [15] Fenalti RCS, Schwartz GM. Universidade Aberta à terceira idade e a perspectiva da ressignificação do lazer. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.17, n.2, 2003.
- [16] Debert GG. “O Velho na Propaganda”. Cadernos Pagu (UNICAMP), CAMPINAS, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.
- [17] Rorigues AD. Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. Lisboa, Presença, 1994.
- [18] FRAIMAM A. Coisas da idade. 4 ed. São Paulo: Gente, 1995.
- [19] Furtado ES. Terceira Idade: enfoques múltiplos. Motus Coporis, Rio de Janeiro, v.4,n.2, p.121-147, 1997.
- [20] Brasil. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 3 out. 2003. Seção 1, p. 1.
- [21] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. (Séria A. Normas e Manuais Técnicos – Caderno de Atenção Básica nº 19). Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica Brasília, 2007.
- [22] Campos PC, Fontes CSK, Meassi CG, Monteiro DP, Morais CF, Nascimento GF, ... & Sei MN. Jornalismo e Sociedade: Cobertura sobre Terceira Idade na imprensa brasileira. Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde. v. 13, n. 1, 2010.
- [23] Larose R & Straubhaar J. *Comunicação, mídia e tecnologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- [24] Campos PC. A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. (Estudo de caso: Jornais “El País” e “ABC” – 2007). In: *Textual & Visual Media* (Revista de la Sociedad Española de Periodística), v. 1, Madrid, 2007. p. 161-190.

- [25]Mascaro SA. As imagens dos velhos e da velhice nas páginas do jornal “O Estado de S. Paulo” (1988-1991). Tese de Doutorado defendida na ECA/USP, 1993.
- [26]Soares RL. Imagens veladas, imagens re-veladas: narrativas da aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo (1994-1995). Dissertação de mestrado. ECA/USP, 1997.

